



TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DURANTE O III MILÉNIO AC NO SUL DE PORTUGAL O POVOADO DO PORTO DAS CARRETAS

Joaquina Soares

MEMÓRIAS d'ODIANA 2.^a Série
Estudos Arqueológicos do Alqueva

FICHA TÉCNICA

MEMÓRIAS d'ODIANA - 2.ª Série

TÍTULO

**TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DURANTE
O III MILÉNIO AC NO SUL DE PORTUGAL
O POVOADO DO PORTO DAS CARRETAS**

AUTORA

JOAQUINA SOARES

CONTRIBUIÇÕES DE

**António Alfarroba,
Maria de Fátima Araújo,
João Luís Cardoso,
J. F. Coroado,
Nuno Leal,
Paula Fernanda Queiróz,
F. Rocha,
António M. Monge Soares,
João Pedro Tereso,
Pedro Valério**

FOTOGRAFIA, DESENHO E TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGEM

**Rosa Nunes (fotografia);
Jorge Costa, Fernanda de Sousa e Cristina
Menezes (desenho);
Ana Castela e Paula Covas (tratamento digital)**

EDIÇÃO

**EDIA - Empresa de desenvolvimento
e infra-estruturas do Alqueva
DRCALEN - Direcção Regional
de Cultura do Alentejo**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**António Carlos Silva
Frederico Tátá Regala**

CAPA

Fotografias de Rosa Nunes

DESIGN GRÁFICO

Luisa Castelo dos Reis / VMCdesign

PRODUÇÃO GRÁFICA, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

VMCdesign / Ligação Visual

TIRAGEM

500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

356 090/13

FINANCIAMENTO

**EDIA - Empresa de desenvolvimento
e infra-estruturas do Alqueva
INALENTEJO
QREN - Quadro de Referência Estratégico
Nacional
FEDER - Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional
MAEDS/ADS - Museu de Arqueologia e Etnografia do
Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal**

ANO - 2013

ANEXO 3

A FAUNA DO POVOADO CALCOLÍTICO DO PORTO DAS CARRETAS

JOÃO LUÍS CARDOSO

A FAUNA DO POVOADO CALCOLÍTICO DO PORTO DAS CARRETAS

João Luís Cardoso*

1. Introdução

O estudo da totalidade dos restos faunísticos recuperados no sítio calcolítico do Porto das Carretas realizou-se de acordo com a sequência estratigráfica obtida, na qual se identificaram duas fases principais de ocupação: a Fase I, atribuída ao Calcolítico pleno, da primeira metade do III milénio cal BC; a Fase II, correspondente ao Horizonte Campaniforme, mais propriamente ao Grupo Internacional, datada radiometricamente do 3º quartel do III milénio cal BC.

2. Inventário

2.1. Fase I de ocupação

Equus caballus

Trata-se de espécie representada por peças do tamanho do cavalo actual.

- Porção de cabeça do fémur de indivíduo subadulto, ainda não soldada à diáfise;
- Fragmento de metacárpico direito, representado pelas extremidades articulares proximal e distal;
- Osso do tarso, incompleto.

Cervus elaphus

Reportam-se a veados as seguintes peças ósseas:

- Astrágalo direito;
- Porção anterior de diáfise de metatársico;
- Metade distal de metatársico esquerdo, fracturado obliquamente na diáfise;
- Tróclea distal de metápodo.

Cf. *Capreolus capreolus*

A este cervídeo reporta-se apenas porção anterior central de diáfise de metatársico, cujas pequenas dimensões não permitem uma atribuição segura.

Sus sp.

A usual dificuldade na diferenciação entre javali e porco doméstico verificou-se também nos exemplares estudados. A javali poderá reportar-se, pelo tamanho e robustez, extremidade distal de uma tíbia direi-

ta; a porco doméstico pertencerá, por seu turno, um pequeno M3 com desgaste muito forte. Os restantes exemplares são os seguintes:

- Germe de M/2 direito;
- Germe muito incompleto de molar indeterminado;
- Dois dentes jugais muito fracturados e incompletos;
- Metatársico V de indivíduo subadulto, com epífise distal ainda não soldada à diáfise;
- Tróclea distal de metápodo.

Bos sp.

Estão presentes o auroque e o boi doméstico, ainda que a destrinça seja problemática. Com base no critério biométrico, discutível em muitos casos, há peças que sem dificuldade se podem considerar como pertencentes a auroque: é o caso de um P2 esquerdo ainda que reduzido à muralha externa de esmalte. Outras peças, pelas reduzidas dimensões indicam a presença da espécie doméstica, como um M/2 com desgaste fraco. Porém, a maioria dos exemplares, até pelo estado muito fragmentário, não permitem diferenciação. Estão neste caso os seguintes:

- incisivo central com desgaste fraco;
- dois dentes jugais superiores muito incompletos;
- Extremidade distal de metápodo de indivíduo subadulto, do tamanho de boi doméstico, conservando as duas trócleas articulares;
- Tróclea de metápodo indeterminado;
- Segunda falange muito erodida.

Ovis aries/Capra hircus

Também é conhecida a dificuldade de diferenciação dos segmentos ósseos de ambos os géneros, agravada no caso presente pela falta de elementos característicos e pelo estado fragmentário dos existentes:

- Fragmento de omoplata, reduzida a parte da superfície articular com o humero;
- Extremidade distal de metápodo, separado da diáfise por fractura intencional;
- Tróclea distal de metápodo, partida na união com a diáfise, escurecida pelo fogo tanto à superfície como no interior da fractura;

* Universidade Aberta de Lisboa

- Primeira falange;
- Primeira falange de subadulto, com falta da epífise proximal.

2.2. Fase II de ocupação

Equus caballus

- Série molar inferior esquerda completa do mesmo indivíduo, com desgaste muito forte, de pequeno tamanho;
- Esquírola correspondente a porção da superfície articular distal do humero esquerdo;
- Osso do carpo incompleto;
- Metade distal de metápodo;
- Terceira falange incompleta.

Cervus elaphus

- P/4 esquerdo com desgaste fraco;
- Dois molares superiores direitos do mesmo indivíduo, um deles incompleto, com desgaste médio;
- Molar superior esquerdo (M\1 ou M\2) quase sem desgaste;
- Molar superior esquerdo, incompleto, com desgaste médio;
- Porção distal de humero esquerdo, ostentando a superfície articular com marcas de roedura por carnívoro (cão ?);
- Esquírola proximal de rádio direito, conservando parte da superfície articular, com a superfície escurecida pelo fogo;
- Extremidade articular distal de rádio direito, pertencente ao mesmo exemplar do fragmento anterior, igualmente com a superfície escurecida pelo fogo.

Sus sp.

O único exemplar que se pode reportar a javali é um M/3 esquerdo, de grandes dimensões e com desgaste forte. Os restantes elementos não podem ser classificados a nível específico:

- D\4 direito de tamanho inferior a homólogo de javali actual da Tapada de Mafra;
- Germe de canino superior de lado indeterminado;
- Germe de M/2 direito;
- Esquírolas dentárias indeterminadas, pertencentes a dois ou três exemplares;
- Extremidade distal de metápodo indeterminado;
- Primeira falange de indivíduo subadulto, com falta da superfície articular proximal, conservando marcas de fogo à superfície;
- Duas terceiras falanges, uma delas com a superfície escurecida pelo fogo.

Cf. *Bos primigenius*

Foi possível atribuir a auroque, pelo grande tamanho, as seguintes peças:

- P\4 desprovido de desgaste;
- Esquírola com parte da superfície articular proximal de metatársico de lado indeterminado;
- Cubocafóide direito incompleto;
- Astrágalo direito, com falta de parte da tróclea lateral proximal;
- Astrágalo esquerdo;
- Duas terceiras falanges incompletas na extremidade distal, num caso devido a fractura recente.

Bos taurus

Este conjunto inclui peças que, pelo menor tamanho, se inscrevem dentro da variação de boi doméstico: é o caso de um P/3 esquerdo com desgaste forte, de um astrágalo direito e de uma primeira falange que pertencem claramente a esta espécie.

Bos sp.

A maioria dos exemplares de grandes bovinos, tal como se verificou no conjunto homólogo mais antigo, em parte devido ao estado muito incompleto em que se encontram, não permite atribuição segura. Estão neste caso os seguintes:

- Fragmento de omoplata conservando parcialmente a superfície articular com o humero;
- Germe de P/3 esquerdo incompleto;
- Três molares muito incompletos;
- Fragmento de tróclea articular distal de metápodo;
- Segunda falange.

Ovis aries/Capra hircus

- M\1 ou M\2 direito, com desgaste fraco;
- M/3 esquerdo, muito incompleto, sem desgaste, correspondendo a germe.

Oryctolagus cuniculus

- Incisivo superior, acompanhado de pequenas esquírolas, talvez do mesmo indivíduo.

3. Discussão e comparações

Os escassos elementos faunísticos identificados de entre o espólio osteológico recolhido no povoado calcítico do Porto das Carretas não permitem o estabelecimento de comparações seguras entre os dois conjuntos considerados, cultural e cronologicamente distintos. Contudo, pode observar-se uma tendên-

cia mais acentuada para uma maior presença da fauna caçada no conjunto mais moderno, não obstante a componente cinegética ser dominante também no conjunto mais antigo. Assim, ainda que o único resto atribuível com reservas a corço pertença a este último, observa-se uma duplicação do número de restos de veado entre a Fase 1 e a Fase 2, sendo também à Fase 2 que se reportam a quase totalidade dos exemplares atribuíveis a auroque, para além do cavalo, cujas pequenas dimensões dos restos dentários identificados, levou a considerar de início a possibilidade de corresponderem a um equídeo asinino, ainda que a morfologia do esmalte dentário não fosse critério possível de aplicar dado o forte desgaste dentário. Esta hipótese teria plausibilidade, dada a referência na literatura, à existência do *Zebro*, equídeo que se extinguiu no sudoeste peninsular em pleno século XVI, depois de ver a sua área de distribuição ser progressivamente reduzida, devido à pressão humana (Nores Quesada & Liesau v. Lettow-Vorbeck, 1992). Contudo, a análise de ADN efectuada por Julia Vilstrup sob a supervisão de Ludovic Orlando, no Centre for GeoGenetics, Natural History Museum, University of Copenhagen, foi concludente quanto à atribuição destes materiais a cavalo, não sendo todavia possível optar por indivíduo selvagem ou doméstico. Esta realidade vem sublinhar as reservas da ocorrência de um equídeo de pequenas dimensões distinto do cavalo, no povoado calcolítico baixo-alentejano do Monte da Tumba (Antunes, 1987, p. 125), onde aliás a sua identificação já tinha sido feita sob reserva, sendo ainda menos legítimo atribuir tais restos a *Equus hydruntinus*, por absoluta falta de elementos de diagnose segura, não obstante esta ser uma espécie que, no final do Plistocénico habitou o território português (Cardoso, 1995a).

O cavalo encontra-se, pois, presente em ambas as fases, correspondendo provavelmente a efectivos ainda não domesticados, que teriam encontrado no ocidente peninsular condições propícias de sobrevivência, desde o final do Paleolítico (Cardoso, 1995b). Tal situação tem paralelo em outras estações calcolíticas do centro e sul do actual território português, onde o cavalo se encontra representado por efectivos sempre baixos mas constantes (Morales Muñoz *et al.*, 1998).

O grupo dos suídeos encontra-se, proporcionalmente aos restantes grupos faunísticos, bem representado em ambas as fases, estando presente tanto o javali como o porco doméstico, ainda que as peças seguramente reportadas a cada uma das espécies sejam muito poucas, tendo presente a reconhecida dificuldade de separação dos restos ósseos de uma e de outra.

A componente seguramente doméstica presente em ambas as fases é reduzida: além de escassos efectivos de boi doméstico e de porco, está apenas presente a ovelha/cabra, mais abundante na Fase 1: 5 restos, contra apenas 2 restos da Fase 2. Esta realidade reforça o que já atrás se disse sobre a maior componente cinegética na Fase 2.

A predominância da caça na fase mais moderna parece denunciar uma maior mobilidade das últimas populações que ocuparam o Porto das Carretas, o que equivale a dizer que teriam uma menor fixação ao local. Contudo, esta conclusão pode ser errónea, tendo presente que é na Fase 2 que surgem no registo faunístico restos de moluscos estuarinos (ostra frequente) e mesmo de litoral marinho (vieira e lapa, mais raras), cuja presença indica abastecimento oriundo da foz do Guadiana e litoral adjacente. Tal realidade pode ser explicada por duas alternativas: a primeira, faria corresponder à população residente no Porto das Carretas um alto grau de sedentarização, que permitiria o estabelecimento de redes de permutas a distância com carácter de estabilidade, que parece contrariada não só pela redução do espaço habitado, correspondendo a um escasso número de habitantes, mas, sobretudo, pelo espectro faunístico identificado. A segunda hipótese, alicerçada nas características do conjunto faunístico, faria corresponder a comunidade ali instalada a pequeno grupo com alta mobilidade territorial, que explicaria a recolha, ainda que episódica, dos referidos moluscos, a mais de 130 km de distância em linha recta. Em qualquer dos casos, mantém-se a dificuldade de explicar a conservação destes moluscos, ao longo de um tão moroso transporte, situação que, para a época romana, no quadro da mesma região, também ainda não encontrou resposta satisfatória (Cardoso & Detry, 2004), embora existam várias possibilidades, com recurso ao sal como elemento conservante.

No conjunto dos restos mamalógicos recolhidos, parece estarem sobretudo representados segmentos anatómicos de menor valor alimentar, correspondentes ao crânio (presença de numerosos dentes) e às extremidades dos membros. Contudo, esta aparente sobre-representação pode dever-se, simplesmente, à acentuada acção antrópica exercida sobre os ossos dos membros com volumosas cavidades medulares, os quais teriam sido reduzidos a esquirolas impossíveis de identificação, as quais, na verdade, se encontram presentes em grande quantidade no conjunto em apreço. Por outro lado, a ausência de certos ossos relacionados com partes da carcaça com maior interesse alimentar, como os corpos vertebrais, podem, pela sua

maior fragilidade não ter resistido à agressividade dos solos existentes na área da estação. Deste modo, não existe motivo para admitir que o desmanche dos animais não fosse feito na área habitada, exceptuando o caso da caça grossa, como os auroques, que poderiam ser esquartejados no local do abate. Mas, mesmo neste caso, são os elementos anatómicos relacionados com partes da carcaça com menor valor alimentar que se encontram representados, o que significa que, se o esquartejamento poderia ser feito fora da área habitada, para esta nem sempre seriam transportadas todas as porções obtidas.

No que respeita às práticas culinárias, a abundância das esquirolas ósseas acima mencionadas configura a existência de cozidos, prática que permitia o aproveitamento máximo da carne, incluindo o da medula contida no interior dos ossos, especialmente

os dos animais de grande porte. As marcas de fogo directo são escassas e relacionam-se com indivíduos de porte médio (suídeos e ovinos/caprinos).

Quanto à idade do abate, é interessante verificar que, no grupo das espécies caçadas, ocorrem senis (cavalo, javali); a sua presença, conjuntamente com juvenis de suídeo (provavelmente selvagens) explica-se por serem, naturalmente, os indivíduos representantes dos extremos da distribuição etária aqueles cuja captura seria mais fácil. No entanto, a presença de jovens adultos de auroque (caso de um P\4 sem desgaste) indicia a captura talvez com recurso a armadilhas.

Enfim, a escassez da fauna seguramente doméstica impede a análise e caracterização - que teria muito interesse - do modo como se efectuaria a gestão dos recursos alimentares representados por porcos, bois e ovelhas/cabras.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M. T. (1987) - O povoado fortificado do Calcolítico do Monte da Tumba. IV - mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.

CARDOSO, J. L. (1995a) - Presença de *Equus hydruntinus* Regalia, 1905 no Würm recente de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 81, p. 97-108.

CARDOSO, J. L. (1995b) - Os ídolos-falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 213-232.

CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2005) - A lixeira baixo-imperial da *villa* da Quinta das Longas (Elvas): análise arqueozoológica e significado económico-social. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1), p. 369-386.

MORALES MUÑIZ, A. *et al.* (1998) - A preliminary catalogue of holocene equids from the Iberian Peninsula. *Actas XIII Congreso UISPP (Forlì, 1996)*, 6 (1). ABACO Edizione, p. 65-82.

NORES QUESADA, C. & LIESAU V. LETTOW-VORBECK, C. (1992) - La Zoología histórica como complemento de la Arqueozoología. El caso del zebro. *Archaeofauna*, 1, p. 61-71.